

Especial Kid Abelha

Lenda viva do Rock Brasil, na estrada há 14 anos, originalmente como Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens, depois somente como Kid Abelha e mais recentemente - e por pouco tempo - somente como Kid, o grupo há dez anos liderado por Paula Toller (voz), George Israel (sax) e Bruno Fortunato (guitarra) lança este mês seu novo CD, "Meu Mundo (Gira em Torno de Você)". Criticado, porém jamais igualado ou mesmo derrubado, o Kid Abelha amadureceu musicalmente com muita rapidez e dá provas de sua lucidez na longa entrevista de duas horas e meia, conduzida na sala de reuniões da WEA na Gávea num recente final de tarde, "sem hora para acabar". A transcrição total da conversa rola a seguir, nestas animadas 8 páginas especiais, as primeiras dedicadas a um grupo e não somente a um músico.



International Magazine - Pra começar, pelo que estamos vendo deste single promocional, vocês voltaram a usar o nome Kid Abelha.

Paula Toller - É, o caso é que o anúncio de que o nome seria somente Kid saiu de uma forma precipitada. Na verdade, era pra ter sido Kid somente no mercado latino.

George Israel - A gente falou que ia fazer um disco em espanhol e o cara perguntou se lá seríamos Kid Abelha, também. Não, a gente estava pensando em ser apenas Kid. Lá não se pronuncia o "lha" e a gente não queria precisar traduzir o nome.

Bruno Fortunato - Mas aí o fã clube também mandou um protesto em forma de manifesto...

Paula Toller - É, eles quase fizeram uma passeata! [risos] Aliás, hoje saiu no jornal "Kid, a ex-Abelha".

Bruno Fortunato - Pois é, então os fãs nos enviaram uma relação de 180 ou 200 assinaturas, revoltados com o negócio.

Paula Toller - E eu acho que é melhor chamar de Kid Abelha do que ficarem escrevendo Kid, a ex-Abelha. Nego não ia deixar de falar, entendeu? Não, então é Kid Abelha.

International Magazine - Como está a expectativa pelo mercado da América Latina?

Paula Toller - Tá total, muito embora a gente ainda não tenha começado. Falta gravar as músicas em espanhol. A gente está esperando a última versão das versões em espanhol, porque alguma coisa foi modificada. A gente está esperando que elas cheguem da Espanha por estes dias, já era pra terem chegado. É um pouco demorado.

International Magazine - Mas vocês estão esperando algo mais do que Argentina, certo?

Paula Toller - Tudo, inclusive a Espanha. Eu gravei uma música com Alejandro Sanz, que é espanhol, e depois ele também vai participar de nossa versão de Nada Por Mim. Lá foi um dos lugares em que eles mais ficaram falando pra gente fazer e lançar. E temos também a Argentina, que por outro lado está mais próxima. Começar de novo! (risos)

International Magazine - Mas já chegou a sair alguma coisa por lá, mesmo que apenas uma coletânea dos sucessos brasileiros?

Paula Toller - Lançado lá, eu não sei, mas na Argentina tem uma Rádio Cidade e eles tocavam as versões em português. As pessoas sabem...

International Magazine - E shows, vocês já fizeram alguma coisa por lá?

Paula Toller - Não.

Bruno Fortunato - O máximo que a gente chegou foi à fronteira! (risos)

Paula Toller - Na véspera do jogo Brasil x Uruguai, na eliminatória da Copa, a gente estava tocando em Santana do Livramento, que é fronteira mesmo! De um lado da rua é Brasil, do outro Uruguai. E a gente tocou lá na véspera do jogo! [risos] Aquele que o Romário fez alguns gols...

International Magazine - Já que a gente começou a entrevista falando sobre o nome da banda, que tal falarmos um pouquinho sobre o comecinho da história? O que veio primeiro? O nome ou a banda?

George Israel - A banda, bem antes. Tem uma história maravilhosa deste começo: a gente tinha banda, mas não tinha nome, né? Sobraram umas horas de estúdio no Sonoviso, que ainda era de 8 canais, e a gente - que já tinha algumas músicas - pôde fazer a primeira gravação. Ensaíamos antes e fomos para o estúdio, sem produtor e sem nada. Fomos lá e gravamos *Distração*, mixando no mesmo dia. E olha que achamos à coisa demorada! A gente queria fazer duas músicas!

Paula Toller - A gente tinha seis horas!

George Israel - A gente ficou com a fita e naquela época rolava a Rádio Fluminense, que tinha abertura para tocar fitas demos. Tocava *Sangue da Cidade*, *Barão* e um monte. Eu me lembro que um dia a gente foi à rádio e levaram o tape. Eu ainda estudava e não pude ir. A banda nem tinha nome, só o Beni foi. Eu nem sabia, estava no carro ouvindo rádio de bobeira e de repente entrou. Luiz Antônio Mello estava lá, ouviu na hora e resolveu por pra tocar imediatamente. "Qual o nome da banda?". "Pô, não tem!". Eles escolheram o nome na hora, nos bastidores. Tínhamos uma lista de nomes, já que a escolha sempre fora uma eterna polêmica.

Paula Toller - Não havia ordem de preferência na lista, mas Kid Abelha era o primeiro da lista. Aí ele pegou a folha da lista e falou: "Opa, é esse mesmo!".

George Israel - Eu levei um susto, cara! Sem sacanagem, eu estava no Aterro e não acreditei quando ouvi. "O que é isso?". No final, teve entrevista e o cara falou o nome da banda. "Não, eu não faço parte desta banda, não vou pagar este mico!". [risos] Mas aí foi muito engraçado, no começo a gente achava que seria um nome difícil de se assimilar. Mas foi muito legal, teve o grande barato de se chegar na gravadora e ouvir falar: "Hoje o assunto em pauta é Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens!". Era uma coisa meio nonsense, que na época rolava bastante. Tinham várias bandas com nomes malucos.

Paula Toller - E, isso é uma coisa que já vinha dos anos 50. Era sempre alguém "and the" não sei o quê.

International Magazine - Então o primeiro ar da graça do Kid já foi na rádio?

Paula Toller - Quer dizer, antes disso a gente só ensaiava, ensaiava, ensaiava...

International Magazine - Mas não rolava show, né?

Paula Toller - Não, mas show já era o ensaio.

International Magazine - O núcleo da banda rolou na faculdade?

Paula Toller - Não exatamente. Todo mundo cursou a mesma faculdade, mas em épocas diferentes. Na faculdade, ninguém nunca se encontrou. Só depois.

George Israel - Sempre rolou uma lenda mentirosa! [risos] Por acaso, a gente estudou na PUC... mas em áreas diferentes.

International Magazine - E o Circo Voador? O que significou para vocês?

Paula Toller - O Circo ainda estava no Arpoador, né? Era 81 pra 82, eu me lembro como se fosse hoje de ver o show da Blitz e de todo mundo da zona sul parecer estar lá. A primeira música do show foi Você Não Soube Me Amar, depois tocaram mais umas e em seguida ninguém mais prestou atenção. Ficou todo mundo dançando como se fosse uma festa.

Bruno Fortunato - Eu me lembro do Lobão tocando bateria e cantando Cena de Cinema. O Evandro saía e ele cantava Cena de Cinema.

George Israel - O Circo foi onde as pessoas se conheceram, né? A gente tocava mas não conhecia nenhuma outra banda. A primeira banda que a gente conheceu foram os Paralamas, no dia em que a gente foi tirar a carteira da Ordem dos Músicos pra poder fazer show. Eles estavam lá pra mesma coisa.

Paula Toller - Era o dia do teste, no qual é preciso tocar alguma coisa pra tirar a carteira provisória. Eu me lembro, nem todo mundo sabia o suficiente pra tirar a carteira definitiva. A gente foi lá e tinha muita gente de samba, caras com pandeiros, cavaquinhos e violões. O Bi tinha aquele cabelo todo pra cima, assim...

George Israel - Simpsons... (risos)

Paula Toller - E a gente ficou de olho nas guitarras Fender deles. "Pô, aquele cara não tem cara de roqueiro!". E era o Bi, por sinal. Depois a gente ficou sabendo que eles também ficaram de olho na gente. A gente ficou horas assim, esperou pra caramba. Cada um foi fazer a sua audição e depois, no final, a gente se falou. Eu me lembro muito bem que naquela época a gente ainda não tinha guitarrista fixo. O cara que havia começado com a gente, numa de brincadeira, havia saído pra fazer faculdade. A gente estava catando um guitarrista de qualquer maneira, porque ia ter um show no Circo. Por isso é que a gente teve que tirar carteira. Depois, o Beni foi ao show dos Paralamas no Western. A gente estava querendo pegar o guitarrista deles, que era o Herbert. A nossa intenção era esta. "Será que aquela banda vai dar certo?". A gente, querendo que não: "Tomara que seja uma bosta!". [risos]

Bruno Fortunato - O Western era um lugar mais alternativo que o Circo, né? Tinha alguns lugares pra tocar: o Circo, o Western e outros poucos.

Paula Toller - Quando o Beni conheceu o Barone, voltou no dia seguinte dizendo: "Não dá, a banda é legal pra caramba e não vai dar pra roubar o cara!". [risos] Aí foram vários os guitarristas, até o dia em que Santo Gutí. O Bruno é que passou por uma prova de fogo, porque naquela época a gente era chato pra caramba com esse negócio de "o que é que você gosta de ouvir?". Era preciso gostar das mesmas coisas.

Bruno Fortunato - Um amigo meu, que estava tocando com eles, me ligou. É que ele estava a fim de trabalhar e o Kid estava fazendo poucos shows. O grupo estava trabalhando no disco. Eu pensei: "Se esse cara está saindo da banda, é porque não deve ser muito legal!". Era o Torcuato Mariano. Eu fui lá e a gente levou um som estranhíssimo, esquisito mesmo. Depois eles falaram que haviam gostado.

International Magazine - O que vocês tocavam naquela fase inicial? Músicas próprias?

George Israel - A gente sempre tocou as músicas próprias, a gente nunca foi muito de fazer cover. A gente chegou a fazer um cover engraçadíssimo dos Rolling Stones no comecinho, quando rolou uma noite de Stones no Monte Líbano. Foi lá que a gente conheceu o Zeca Jagger. "Maravilha... mas está totalmente desafinado!". O som estava horrível e a gente achou tudo uma merda, mas ele veio falar que havia adorado. "Vocês são geniais!".

Paula Toller - Tava horrível mas aquela versão de Let's Spend The Night Together não era ruim. O som é que devia estar muito ruim mesmo. A gente fez essa versão e foi engraçado, depois a gente passou anos sem tocar nada de ninguém.

International Magazine - Aquela primeira gravação que vocês fizeram é a mesma que foi parar no LP Rock Voador, que a WEA lançou em 82?

George Israel - Foi pra rádio e, depois que a gente começou a fazer shows, a gravadora começou a frequentar o Circo.

Paula Toller - Gregório Nogueira viu o primeiro ou o segundo show da gente. O primeiro foi com Macalé e Zé da Gaita, depois o segundo foi no final do ano, com Dusek, Barão e Celso Blues Boy. Aí começou a ter aquele lance de todo sábado ter um monte de banda tocando. Gregório começou a fazer contatos e rolou este disco.

International Magazine - Vocês gravaram mais alguma música, então?

George Israel - A gente tinha gravado Distração e depois a gente fez uma segunda sessão, na qual foram gravadas Vida de Cachorro, uma primeira versão de Pintura Íntima - totalmente mais solta - e uma terceira.

Paula Toller - Depois que saiu o "Rock Voador", a coisa ficou tipo: "a banda que desse certo gravaria um compacto". A gente gravou Pintura Íntima com Por Que Não Eu?.

International Magazine - Elas foram posteriormente refeitas para o LP?

George Israel - Não, o Lulu Santos foi chamado pra produzir o compacto e a gente escolheu estas duas músicas. Estas músicas foram gravadas quase que seis meses antes do resto do LP, e entraram exatamente como estavam no compacto. Dá até pra sacar que elas têm uma sonoridade diferente, já que o álbum foi produzido pelo Liminha.

Paula Toller - Mas a gente ainda fez um segundo compacto com Como Eu Quero, pouco antes do lançamento do LP. O single comercial faz a maior falta, ao invés de ser distribuído apenas às rádios. Já pensando no lado comercial, eu acho que existem artistas ou bandas que ninguém sabe se vai dar certo. Lançar um CD com um monte de músicas custa mais caro. Deixar rolar umas duas ou três músicas antes pode ser mais interessante, antes de preparar o disco. Às vezes, você lança o disco por causa de uma música e o resto

é uma porcaria. Agora nem é o caso, porque as bandas que estão lançando discos - algumas já no segundo trabalho - têm até qualidade. Eu gostava de lançar as coisas aos poucos, além de poder ter aquela música de sucesso que você curte.

International Magazine - A falta de single impede que se tenha uma parada de sucessos confiável, né?

George Israel - O engraçado é que a mentalidade é meio de single. Por exemplo, o pessoal lança um CD, mas quer que trabalhe somente aquela música durante dois meses. Então é como se fosse um single para vender um CD. É uma mentalidade estranha. Pra mim, o LP começou quando as pessoas passaram a desenvolver um trabalho mais conceitual. Eu me lembro claramente que, na época em que eu comecei a comprar discos, era out comprar compactos. Rolava a música progressiva, com discos conceituais. No começo era compacto, eu comprava a música que eu gostava. Depois, ou você gostava da banda ou você não gostava.

Paula Toller - Ao mesmo tempo, é um saco você só gostar de uma música e ter que comprar o disco inteiro.

Bruno Fortunato - Na Europa e nos Estados Unidos, eles ainda têm o single, ainda que em formato de CD single. Quando George Michael foi lançar este seu último trabalho, o single saiu dois ou três meses antes.

Paula Toller - O lojista também não ajuda, querendo vender single por preço quase igual ao do CD inteiro. Ninguém compra, ele não vende e por isso acaba não encomendando mais à gravadora. E ainda diz: "Isso não dá certo, isso não dá certo!".

George Israel - Quando você vai comprar apenas uma música, na pior das hipóteses ela tem que custar menos da metade do CD inteiro.

International Magazine - No máximo 2/3 do preço do CD inteiro, já que o single em geral traz quatro faixas. Voltando ao primeiro álbum do Kid Abelha, em nossa primeira entrevista com Renato Russo, ele o citou como exemplo de um álbum de hit singles, como uma verdadeira coletânea de sucessos. É engraçado verificar que demorou tanto para sair em CD, né?

Paula Toller - Eles seguraram à beça, principalmente porque eles lançavam muitas coletâneas.

George Israel - A gente lançou um "Greatest Hits"...

Paula Toller - Tudo bem, a gente lançou um que teve todo um trabalho de regravação, remixagem e tal, mas recentemente eles soltaram dois, um atrás do outro. A gente nem escolheu repertório, nem sabia. A gente soube na hora. [risos] A primeira coletânea vinha cheia de músicas do primeiro disco, enquanto a segunda vinha com material do "Educação Sentimental". Pode parecer contraditório, mas eu sou totalmente a favor e gosto de fazer disco desta maneira. Não que eu consiga fazer isso sempre, mas eu me lembro de ter dito que eu queria que o primeiro disco saísse que nem o "Rumours", do Fleetwood Mac, que também parece uma coletânea. O meu negócio é rádio, eu gosto de ver as músicas tocando na rádio e das pessoas saberem cantá-las. É o que eu acho mais legal.

International Magazine - Vocês já tinham todas aquelas músicas prontas?

George Israel - Algumas a gente já tocava, porque no período entre o compacto e o LP a gente fez muito show.

Bruno Fortunato - Foi um ano inteiro. Antigamente, trabalhava-se um ano inteiro em cima de um compacto.

George Israel - A gente já tocava metade das músicas em show, enquanto outras pintaram mais perto da gravação.

Paula Toller - Aí já foi o Liminha, caçando repertório e ouvindo. Ele tirou Como Eu Quero do lixo!

International Magazine - Sobrou muita coisa?

Paula Toller - Você já está pensando num "Anthology"? (risos)

International Magazine - Não exatamente, mas você falou que até no lixo o Liminha foi encontrar material interessante em termos de show, vocês deviam ter muito repertório.

Paula Toller - Tem uma música que a Ana Maria Bahiana lembra até hoje. Eles iam ao Circo naquela época, ela e o José Emílio. Eles davam a maior força, botavam no

jornal e tudo. A gente tinha uma música chamada Oh Sarah, uma espécie de épico que ela adorava. Falava de umas coisas, contava uma estória... Esta música, por exemplo, a gente nunca gravou.

Bruno Fortunato - Sobrou muita coisa, sim. Tinha outra que se chamava Nenhum Contato... [risos]

Paula Toller - É, tinha umas coisas.

Bruno Fortunato - ... e a gente resolveu fazer uma seleção para o disco.

Paula Toller - Mas este negócio do Como Eu Quero é impressionante. Eu acho que, se você perguntar a alguém que não conheça nada da gente, Como Eu Quero deve ser conhecida. E ela foi literalmente tirada do lixo, num papel amassado. A gente estava com aquele bloco de papéis, com tudo o que a gente tinha de letra. Eu acho que tínhamos menos de 10 faixas e estava faltando música e um dia o Liminha chegou e falou: "Vem cá, vamos lá moçada, pega esse bloco e começa a me mostrar, uma por uma!". Obviamente, as que ainda não estavam gravadas....

International Magazine - ... Que não estavam gravadas, mas que vocês provavelmente vinham tocando nos shows, não?

Paula Toller - A gente tocava muito pouco!

International Magazine - Vocês faziam show de que duração?

George Israel - Quarenta, cinquenta minutos.

Paula Toller - O primeiro show que a gente fez teve seis músicas, mas também estávamos dividindo com outros artistas. O Liminha falou pra gente tocar as músicas no violão. Daqui a pouco, ele virou: "Vem cá, e aquela que vocês jogaram fora? Toca aquela ali". Aí a gente tocou e ele falou: "Pô, mas isso é uma balada!". A gente ainda não tinha lançado nenhuma balada, nada disso. "Vocês não sabem que uma banda de rock pode ter uma balada?". A gente não sabia. "Pô, vamos fazer essa aqui sim!". E essa foi uma música que ele meteu a mão.

George Israel - É, está aí. Fixação e Seu Espião ficaram bem com a cara de música de estúdio. A gente não as tocava assim, ao vivo. Inclusive, quando o Bruno entrou para o

grupo - entre o "Rock Voador" e o compacto -, as músicas mudaram bastante na forma de tocar. Ele deu uma evoluída musical na coisa! [risos]

Bruno Fortunato - Já que é para esmiuçar, o que aconteceu também de mudança marcante e significativa foi que o baterista saiu no primeiro ano. O Beni fez falta, porque ele era muito bem formado e tinha uma cultura musical absurda. Se você falasse de uma banda completamente desconhecida da Irlanda, ele sabia quem havia produzido, onde havia sido gravado etc. Ele sabia tudo, tinha umas referências ótimas. Às vezes, a gente estava procurando uma levada de música e ele lembrava de alguma música que lhe dava inspiração. Ele mandava uma levada diferente, original. Quando chegou a hora de gravar o LP, a gente estava com um baterista que depois não foi efetivado...

Paula Toller - ... porque era muito ruim! (risos)

Bruno Fortunato - Se ele não tivesse entrado às vésperas da gravação, quando a gente ainda não tinha muita experiência... Pra baterista, pegar um produtor exigente e fazer suas primeiras gravações é uma coisa muito difícil. Eu acho, mais do que qualquer outro instrumento.

Paula Toller - O Liminha era o terror dos bateristas... Porque ele mandava gravar com tempo. Dependendo da música, tinha que botar "clic". Se fosse tipo Fixação, que você tem que manter aquele "groove".

Bruno Fortunato - Como Eu Quero tem uma coisa assim. Tem uma coisa de bateria eletrônica. Tinha mais umas duas músicas com bateria eletrônica. A gente chamou um cara super fera pra tocar, sabe? O disco calhou de acontecer desta forma. O baterista não estava se adaptando ao jeito de gravação e saiu... ou foi saído, sei lá. [risos]

George Israel - É, mas dá pra notar claramente no primeiro disco as músicas que são mais de banda - ensaiadas e tal -, das músicas que são mais de estúdio. A gente teve que aprender a tocá-las depois. O Bruno não era nem daqueles típicos guitarristas de rock 'n' roll, que tem aquela pegada e toda aquela formação de pop, mas é mais um músico instrumental. Ele tinha muita informação diferente, e que ele trouxe para o disco. E isso diferencia um pouco. A gente era um tipo de banda que procurou muito o seu guitarrista. A gente não tinha uma cara muito definida. Era rock 'n' roll, mas tinha muito guitarrista tocando rock 'n' roll e blues muito bem por aí...

Paula Toller -... ou mal, né? (risos)

George Israel - É, a gente pegava caras que achavam que tocavam bem mas que aquela nossa onda não os iria levar musicalmente a algum lugar.

Paula Toller - Na época, o lance que estava rolando de banda era o Sangue da Cidade, o Zé da Gaita e Celso Blues Boys. O Barão ainda estava começando. Era uma coisa: "Vocês querem rock 'n' roll?".

Bruno Fortunato - Tinha isso e a new wave.

International Magazine - E vocês eram mais new wave, né?

Paula Toller - A gente era a ovelha negra do LP "Rock Voador". Inclusive todo mundo ria da nossa cara, porque a gente tinha bom humor...

George Israel - A gente era muito clean.

Paula Toller - Não havia aquele clima de sexo & drogas. Não éramos cabeludos e sujos, né? Roqueiro com cara de bandido. Aí a gente destoava, a própria expectativa da gravadora era a de que a gente era um grupo de garotos alegres. Mas também, em termos de rádio, quando passamos da Rádio Fluminense para as rádios mainstream - principalmente a Rádio Cidade, que era uma rádio de parada de sucessos mas que lançava tudo o que era novo -, começou a rolar aquele sucesso da música. Ficou um negócio meio fora do circuito. A própria Rádio Fluminense nos tirou da programação. Parou de tocar porque havíamos nos tornado comerciais. Teve uma época em que isso rolou, quando outras bandas surgiram.

George Israel - A Gang, a Blitz e outras que tinham esse lance de misturar.

International Magazine - O Kid podia se sobressair pelo fato de ter a voz principal da Paula, mas tinha muita participação vocal do Leoni, não?

Paula Toller - Tinha.

George Israel - Mais no segundo disco do que no primeiro.

Paula Toller - No vocal, nem tanto. Mas tinha... Algumas... No terceiro, acabou!
[risos]

International Magazine - Chegaremos lá. O curioso é que, além de vocês não estarem acostumados a tocar as músicas do primeiro disco, rolaram inúmeros remixes dos sucessos. Não só do primeiro, como do segundo disco. O público deve ter ficado bastante confuso esperando ver e ouvir performances semelhantes às que eram tocadas nas rádios.

Paula Toller - Aquela moda de remix foi um saco. A gente era quase obrigado a fazer remix. "Tem que fazer remix!". "Ah, mas dessa música? Não tem nada a ver! Tem as outras!". Havia esta solicitação de remix e a gente achava há coisa um pouco inútil. Não combinava com a música da gente, fora algumas exceções.

International Magazine - "Lágrimas e chuva" ficou muito legal...

Paula Toller - É, mas aí a gente fazia. "Quer fazer, faz".

George Israel - Todo mundo fazia. Era meio que uma febre de remix, né? Naquela época nego descobriu a coisa...

International Magazine - Até Ultraje foi remixado. Não tinha nada a ver...

George Israel - Aquilo foi uma maneira de prolongar a vida da música. O pessoal via a coisa desta maneira, realimentando a mesma música.

Bruno Fortunato - Isso na Europa ainda rola até hoje. Rola legal, o Genesis faz remix.

George Israel - Tem certas músicas que dão certo, que dão certo nas pistas mas...

International Magazine - Quando chega a hora do show, as pessoas estão tão acostumadas a ouvir o remix que estranham.

George Israel - Ah não, no show a gente até teve uma fase em que foi influenciado em termos de arranjo. Não que a gente quisesse fazer o remix ao vivo, mas eu lembro que - como a gente tinha pouca música em disco - a gente queria fazer novos arranjos. Hoje em dia, a gente não vê tanta necessidade de obrigatoriamente mudar os arranjos e ser diferente ao vivo. Quando você só tem um disco e dez músicas, você tem que brincar em cima daquilo. A gente sentia uma ansiedade muito grande nos primeiros discos, querendo mostrar coisas novas logo na sequência. A gente tinha muita ansiedade de

produzir, mas não sabia se ia poder satisfazê-la com os discos que viessem mais adiante. Se estávamos fazendo um disco, tínhamos que por tudo nele e, já quando o acabávamos, estávamos fissurados para fazer mais.

International Magazine - Segundo o seu raciocínio, quando saiu o Seu Espião vocês já estavam prontos para fazer o Educação Sentimental?

George Israel - Não, passou um tempo.

International Magazine - Vocês já tinham material?

George Israel - Não, era mais uma vontade. Depois, quando a gente começou a fazer os shows do "Seu Espião", passamos a viajar mais nesta história de fazer um disco de banda mesmo. A intenção do "Educação Sentimental" era a de ser um disco mais tocado. Já tínhamos um baterista fixo, já havíamos ensaiado o disco todo. A gente pegou o gosto pelo show. No começo, a gente era meio inexperiente e teve como empresário o filho do Chacrinha. A gente fez muito, mas muito show nos subúrbios do Rio. Muito playback, muitas vezes três por noite. A gente não sacava que tinha um mercado fora do Rio. Quando a televisão começou a projetar-nos um pouco mais é que fomos ter possibilidade de fazer show fora do Rio. A princípio, a gente achava que não tinha mercado pra isso. Aí a gente começou a pensar em fazer alguns shows ao vivo.

Paula Toller - A gente tinha uns empresários picaretas! Eles diziam que a gente não fazia show ao vivo.

George Israel - Mas, ao mesmo tempo, essa época que a gente passou fazendo shows de playback no Rio serviu pra criar uma estrutura para encarar o público. A gente sempre teve a coisa como uma farra, hoje em dia a gente vê nos vídeos antigos.

Paula Toller - Era o mais divertido de tudo. Eu sempre gostei de gravar, mas o show era a hora do negócio acontecer.

Bruno Fortunato - Depois do terceiro disco, a gente começou a ficar cansado. O primeiro disco havia tocado muito nas rádios, a gente ficou muito cansado daquele jeito de tocar as músicas e começou a renegar um pouco aquele jeito. A gente começou então a modificar as músicas, tocando Pintura Íntima com um arranjo completamente diferente, meio viajandão...

International Magazine - Daí a idéia de se fazer aquele disco Ao Vivo?

Bruno Fortunato - É verdade, foi mais ou menos nesta época.

International Magazine - Para vender aquela nova roupagem?

Bruno Fortunato - A gente estava mudando, tentando adaptar as músicas à cabeça da gente, que já tinha mudado bruscamente do primeiro pro segundo disco. Naquela época, as mudanças eram muito frequentes. O gosto, a maneira de vermos as músicas... A gente começou a tocar melhor e com equipamento melhor, a gente já tinha uma infraestrutura de show. No primeiro ano, a gente via os shows do Lulu. A gente tocava com gás, não tínhamos infra e nem um puta equipamento. Tocávamos na raça mesmo.

Paula Toller - Do primeiro pro segundo, a gente fez esta diferença de ter ido pra estrada e tal.

George Israel - O "Ao Vivo" rolou exatamente quando o Leoni saiu. A gente aproveitou para dar uma mexida e rever até coisas de arranjos. Colocamos trompetistas e percussionistas, entrando numa de rever tudo e fazer o show que virou o disco "Ao Vivo".

Paula Toller - Eu me lembro que o Paulo Junqueiro era o engenheiro de som, operando o PA dos shows. Hoje ele é o diretor artístico aqui da WEA. Ele é que começou a falar: "Pô, mas o show de vocês é do caralho! Que história é esta?". A gente estava sofrendo uma certa campanha contra na imprensa porque estava saindo o disco dos Heróis da Resistência. Por que precisava falar mal pra poder divulgar, entendeu? Ficou uma coisa assim e a gente saiu pra fazer show. Independente de não estar com um disco novo, a gente já tinha um público grande para os shows. A gente foi fazendo, fazendo e fazendo. O Paulo, que gravava todos os shows em fitas cassete, chegava no dia seguinte e falava: "Ouve isso aqui, pô!". A gente estava com metais, tava com uma bandona mesmo. De tanto a gente ouvir as fitas, e de tanto ele ir melhorando por ouvir as fitas - e com isso todos os defeitos e todas as coisas que poderiam ser melhoradas -, que a gente resolveu fazer o disco "Ao Vivo".

George Israel - E este disco foi todo gravado numa única noite, no Anhembi de São Paulo.

Paula Toller - Na verdade, a gente gravou dois shows mas uma das fitas deu problema e só entraram faixas de uma das noites.

George Israel - É o show mesmo, como ele era.

Paula Toller - E, na verdade, foi o disco que teve maior vendagem inicial. Era a época do Plano Cruzado e foi o disco que mais vendeu de cara: 150 mil cópias. Mas é mais por causa da conjuntura...

International Magazine - E o Tomate? Qual é a história?

George Israel - Com este disco, a gente estava tateando uma maneira nova de fazer parcerias, principalmente porque a gente nunca havia composto junto. Foi uma coisa meio incógnita porque as pessoas desconfiavam muito da gente, achando que quem fazia tudo era o Leoni, né? Venderam muito esta imagem, quando ele saiu, a favor da história dos Heróis. Pô, a gente estava desacreditado.

Paula Toller - A gente sabia que isso era uma mentira. Não que a gente estivesse se desfazendo da importância dele, mas a gente sabia o que é que a gente fazia, independente de todas as composições serem dele ou dele com alguém de nós. A gente sabia que tinha aquela coisa de todo mundo contribuir para os arranjos e tal. A dificuldade maior foi a de nos acostumarmos com a ideia de que iríamos fazer música juntos.

George Israel -... E com a expectativa do que iria sair daí, né? Não se tem controle, sai o que sai. Não dá pra premeditar. Na época, a gente quis fazer algo diferente. E engraçado, a intenção não foi a de seguir alguma coisa. Pelo menos da minha parte, acho que estávamos numa fase de mudar a cabeça de um disco pro outro. Eu me lembro que a primeira música foi Amanhã é 23, que a gente achava totalmente diferente de tudo o que a gente já havia feito. A gente mostrou e as pessoas: "Pô, isso é a cara do Kid Abelha!" (risos)

Paula Toller - É, nesta época isso acontecia direto.

George Israel - Mas aí foi legal, porque esta música nos deu o maior gás, indo ao primeiro lugar. Deu uma certa segurança, apesar da gente não estar inseguro.

Bruno Fortunato - Eu também acho legal o "Tomate" porque ele proporcionou um dos shows que mais funcionou. A gente viajava com uma estrutura grande, com dois caminhões e cenário. Trocávamos de roupa no palco, entre uma música e outra.

International Magazine - E quanto ao título Tomate?

Paula Toller - É por causa da música que eu adaptei a letra de um poema que falava justamente da crítica de arte. O cara se sentia o tomate. Eu a adaptei para a música e daí também acabou neste trocadilho: "too much".

Bruno Fortunato - A gente foi para os Estados Unidos nesta época. A gente conhecia um produtor, ele queria fazer as versões das músicas. Ele fez uma versão de Tomate...

George Israel - Ele fez uma ópera-rock com o "Tomate"! (risos)

Paula Toller - Que cara doido! Maluco!

Bruno Fortunato - Ele conseguia respeitar a fonética com perfeição. A gente cantava todos os fonemas que cantava em português, mas em inglês e com uma letra completamente doida.

George Israel - Era louco, completamente.

International Magazine - Tipo I'm not dog no.

George Israel - É, mas ele fez uma história a partir da primeira música, ligando uma a uma até o final, respeitando todos os fonemas.

Paula Toller - Ele queria escrever para a Broadway.

George Israel - Era uma coisa muito diferente do que a gente costuma fazer em termos de letra. Não era equivalente...

Bruno Fortunato - ... e a gente ficou um pouco assustado.

International Magazine - E a coisa não foi aproveitada?

George Israel - Não, não foi.

Paula Toller - Foi uma coisa de americano. O cara chegou e falou assim: "Vem cá, o que é que você quer? Que eu faça uma versão method #1 ou method #2?". Ele falou assim! Method #1 respeitava a fonética mas não a letra e seu significado. Method #2 respeitava o significado mas não respeitava a fonética. "Qual é o que você prefere?". Eu falei: "Os dois!" [risos] Bem coisa de brasileiro, essa de querer as duas coisas. Mistura os dois, tem que conseguir! Na verdade, as boas versões saem assim. Mas aí eu acho que saiu

uma fumacinha da cabeça do cara, na hora em que eu falei isso. Eu queria um pouco de cada um. [risos] No computador dele não havia isso, aí ele entrou numa de que a gente era maluco.

Bruno Fortunato - Mas a gente ainda tocou a versão em inglês dele lá nos Estados Unidos. Eu me lembro que tinha gente que ficava puto: "Tô vindo aqui pra ver um grupo brasileiro e vocês cantam tudo em inglês! Não quero saber disso!". Mas era uma música só, né?

International Magazine - Vocês chegaram a tocá-la por aqui?

Bruno Fortunato - Eu acho que não.

George Israel - Foi mais uma viagem da hora. Eles levaram a gente pro estúdio, pra gravar e acontecer. O cara gostou muito, ele ouviu o disco e ficou apaixonado. O produtor mostrou pra este letrista e ele pirou.

International Magazine - Se amarrou no Tomate? Não conhecia os discos anteriores?

George Israel - É, o cara gostou pra caramba. Mas ele pirou com este disco.

Paula Toller - Pra ele, a gente era aquele disco e não tinha outro. Não conhecia nada de antes.

International Magazine - E os shows nos Estados Unidos? Como foram?

Paula Toller - Foram poucos. Apenas dois dias no SOB e um em New Jersey. No de Nova Iorque tinha um público bem americano, o pessoal levantou pra dançar quando tocamos Nada Tanto Assim. Eu me lembro, era um lugar pra se ouvir World Music, muito antes de criarem a expressão. A gente não tinha nada disso, era totalmente pop mesmo. Em New Jersey não, tinha quase que somente brasileiros. Parecia um lugar de filme americano, em beira de estrada.

Bruno Fortunato - A banda era muito boa nesta época, tinha o Claudinho na bateria, que tocava muito bem. O naipe de metais e os percussionistas eram muito bons. A banda tava muito legal, a gente tocou com bastante segurança.

George Israel - O show tinha muita coisa instrumental...

Paula Toller - Era o show que tinha cenário, mas que pra lá a gente só levou a parte musical e o meu figurino. Deu esta confusão de neguinho tirar foto. Porque era assim, era pequenino o lugar. O cara tava grudado em mim, tirando fotos quase da minha boca. Depois do décimo flash, eu pedi pra parar e o cara tava meio bêbado e resmungou. "Se continuar, eu saio". Eu saí... (risos)... porque flash, depois de um certo número, te dá privação de sentidos. Você começa a ver aquele troço piscando na sua frente. Ele não estava de longe, estava ali em cima. O cara entrou no camarim e disse: "A gente vai queimar vocês no Brasil, eu sou da revista não sei qual". Eu acho que o cara tinha interesse ali no bar, entendeu? O que é que eu ia fazer?

George Israel - E eu fiquei fazendo discurso, pra reverter à situação... Ficou todo mundo contra o cara, né?

International Magazine - E o "Tomate" em si? Comercialmente, como é que ele foi?

George Israel - Não foi mal não, mas de repente acabou vendendo 90 mil cópias, né?

International Magazine - Na época não havia mais single por aqui, mas a música estava na trilha de uma telenovela. Será que o disco roubou as vendas?

George Israel - A gente já teve várias vezes música em novela, eu não sei se repercute nas vendas.

Paula Toller - Provavelmente. A música ficou um mês em primeiro lugar, eu me lembro que a gente foi pra Londres... Na época foi muito engraçado, porque praticamente toda a crítica disse que era o melhor disco da gente. É engraçado porque é um disco meio perdido, tinha vários direcionamentos em termos musicais. A gente tentou várias praias, pois tem Amanhã é 23, No meio da Rua, Promessas nos remetem a pelo menos umas quatro praias diferentes. Era justamente a gente experimentando, não só em termos de composição como também em termos de arranjo.

Bruno Fortunato - Foi o nosso primeiro disco a sair em CD e hoje é o único a não estar em catálogo neste formato.

International Magazine - E o "Kid"?

Paula Toller - Há pouco tempo atrás, eu resolvi ouvir o "Kid". Eu não o ouvia há muito tempo. Eu pensei: "Gente, a gente foi maluco neste disco!". Né? A gente fez um disco todo cheio de detalhes vocais.

International Magazine - Fale mais sobre as turnês.

George Israel - Era a época das danceterias.

Paula Toller - Quando estourou o Pintura Íntima e principalmente o álbum, aí sim virou uma coisa de fazer show com músicos e tal. Era uma loucura e a gente fazia os ginásios. Todo dia tinha que ir antes da hora do show, tinha que sair correndo porque eles quebravam tudo. Foi um ano de loucura, mas a gente também fez show pra caramba.

Bruno Fortunato - Foi um dos anos que a gente fez mais show, às vezes quatro ou cinco shows por semana.

Paula Toller - Às vezes ficávamos semanas sem aparecer em casa, na melhor das hipóteses chegando às segundas e partindo dois dias depois. Obviamente não era com o conforto que a gente pode ter hoje em dia. Era aquela ralação legal.

George Israel - Depois de um tempo, a gente pôde exigir um pouco mais em termos de qualidade. No começo, a gente ia muito em roubada. Éramos inexperientes em termos de equipamento. Depois, a gente começou a conversar mais com os outros músicos - com os caras do Barão e do Paralamas, por exemplo.

Paula Toller - Depois do "Rock In Rio", a gente passou a sentir mais ou menos a barra de como é que tinha que ser pra dar certo. O nível profissional melhorou.

George Israel - A gente correu atrás da melhora disso no Brasil, exigindo mais. A gente não toca em qualquer lugar e com qualquer som, entendeu? Porque, na verdade, a gente tinha capricho em termos de produção interna. A gente estava sempre investindo em equipamento novo e em figurino. Desde o primeiro disco, a gente já vinha se preocupando com algumas coisas em relação ao show. Depois a gente começou a exigir mais, em termos de som. Quando chegamos ao "Tomate", a coisa rolava em caminhões. Rolava mais grana e a gente já tinha dois caminhões com equipamento, cenário, figurino e uma equipe grande. A gente fez o Brasil inteiro, fazendo o show em tudo quanto era lugar.

Paula Toller - No final do ano, a gente concluiu que não havia ganho grana.

George Israel - É, ganhou o que havia gasto... mas a gente realmente queria fazer aquele show. A gente não queria fazer só Rio e São Paulo.

Paula Toller - E a gente queria fazer o mesmo show, igualzinho.

George Israel - A gente chegou a cada lugar: Santarém, Porto Velho... Neguinho não acreditava!

Paula Toller - Eles ficavam paralisados, achando que era disco voador mesmo!

George Israel - Era o maior visual mesmo!

Paula Toller - E tinha um negócio engraçado, que eram as minhas dublês que rolavam durante Fixação. Eram várias garotas, com a mesma roupa que eu e peruca, lenço, óculos. Não dava pra levar todo mundo e a gente tinha que fazer a escolha das meninas a cada cidade! (risos) Era uma loucura, era divertido. Aí a gente fez o "Alternativa Nativa" no Maracanãzinho, com cinco Paulas além de mim. Tinha aquela fumaçona e de repente éramos cinco. Entrava uma que não era eu, comigo cantando de trás do palco. Ela fazia dublagem, depois apareciam cinco. Foi histórico.

George Israel - Quando a gente foi fazer o show do "Kid", que foi o disco seguinte, a Paula engravidou e a gente deu uma certa desacelerada em termos de show. Não conseguimos mais viajar.

Bruno Fortunato - Mas eu me lembro da Paula cantando barriguda.

Paula Toller - Eu fiz show até os sete meses!

George Israel - É, mas não foi um show que a gente tenha levado a tantos lugares. A gente não o continuou, fez Rio e São Paulo e parou por um ano.

International Magazine - E foi daí a ideia de fazer uma coletânea?

Paula Toller - Foi. E também porque a gravadora não queria lançar nada novo. A crise estava braba, tanto que o "Greatest Hits" foi negociado fora do contrato. Eles preferiram dar uma grana extra pra gente, pagando tudo de novo para este disco, para não ter que gravar um disco novo naquela época.

International Magazine - E vocês? Estavam prontos para gravar um disco novo?

Paula Toller - Nem lembro! (risos)

George Israel - Esta foi à época em que a gente desativou, deu um tempo na banda e em sua estrutura. A gente deu uma parada e foi começando a compor aos poucos, tanto que ele tem uma música inédita. Mas esta parada foi bem legal pra gente.

International Magazine - Pra poder entrar nos anos 90 com uma cara nova.

George Israel - Exatamente. A gente parou e pela primeira vez eu me lembro da gente olhando pra trás, entendeu? Olhando, e revendo as músicas, perdendo um tempo danado. Eu me lembro de um dia da gente na casa da Paula, olhando pela primeira vez as músicas e curtindo ouvi-las. Escolhemos as músicas para o "Greatest Hits", começando a tocar até Pintura Íntima de novo.

Paula Toller - A gente tá fechando o show com ela... e é com o maior gás, porque é muito legal ter uma porção de músicas que nego conheça. Você pode pegar isso e monta um quebra-cabeça, que é o roteiro do show. Você pensa no ritmo que você quer que o show tenha e aí vai botando. A gente fez um show no Rio Grande do Sul e eu acho que a música que mais deixou o pessoal empolgado foi Eu tive um sonho, que é o hit mais recente. Tem Como Eu Quero, Fixação, Alice, Pintura Íntima, Lágrimas e Chuva, etc. Agora não temos mais insegurança de tocar música nova. É música, todas são da gente, todas a gente fez. Termina com Pintura Íntima e o pessoal diz: "Putz, ainda tem esta música!".

International Magazine - Vocês acham que o Kid Abelha fez escola? Pintou alguma coisa que tenha passado por vocês?

Paula Toller - Eu acho que não.

International Magazine - Nem da época do Sempre Livre?

Paula Toller - Só porque tinha mulher? É, teve uma coisa de botar mulher em grupo...

International Magazine - Não é só uma questão de ter mulher! Estou te perguntando quanto ao som, mesmo!

Bruno Fortunato - Existiam coisas afins... Tipo Metrô, talvez, porque tinha uma menina cantando. Eles tocavam muito bem, a gente gostava do jeito que eles tocavam.

Paula Toller - Eu não acho... Mas aí é uma questão de opinião. Quer dizer, eu não acho que nada tenha sido parecido, nem inspirado. Eu acho até que as gravadoras tinham um pouco a intenção de ter o seu Kid Abelha na época, assim como todas tem um pouco de tudo.

Bruno Fortunato - Era só pelo fato de ter uma menina cantando, de ter uma mulher cantando.

International Magazine - E a Gang? Tinha alguma coisa a ver?

Paula Toller - Eu acho que conceitualmente era a que tinha mais a ver, mas eles eram anteriores à gente. Eu acho que a primeira vez que eu ouvi uma música deles foi naquele festival da Globo, no qual eles cantaram Perdidos Na Selva. Eu lembro que aquilo pra mim foi um choque.

Bruno Fortunato - Eles eram quase performáticos.

Paula Toller - Eu me lembro de estar todo mundo na sala, assistindo ao "MPB Shell". Eu estava lá longe no meu quarto. De repente, começou a tocar uma música e eu fui olhar. Fiquei em pé, olhando aquele pessoal cantando. No final, eu já tava cantando. Caramba, eu nunca tinha visto um negócio assim... em português, principalmente. O que tinha antes não era banda. Tinha Rita Lee, Guilherme Arantes.

International Magazine - Lulu Santos?

Paula Toller - Tinha o Lulu, mas ele também ainda estava começando. A gente ia ver show dele direto - na Papagaio, no Circo, etc. Uma ou outra música do Robertinho de Recife, também. Mas aí teve toda essa coisa da Gang. Essa música não foi nem tanto, foi mais a outra da novela, né? Louco Amor. Mas eu a achava legal.

George Israel - Eles têm uma praia parecida: a música pop. Mas é um tipo de pessoa bem diferente da gente, né?

Paula Toller - Eles não eram muito profissionais... por escolha própria. Não entraram nesta trip de fazer e viver daquilo.

International Magazine - Eles não tiveram tempo, né?

Bruno Fortunato - Pra comparar, eles tinham um estilo de vida diferente. Eles eram mais velhos, eram mais loucos e atirados. Eram mais boêmios. Faziam merda pra caramba. Existem histórias engraçadas da Gang.

Paula Toller - Ah é, eles chegavam pro show às duas ou até às quatro da manhã!

Bruno Fortunato - Tem uma história de que eles foram fazer um passeio lá em Maceió. O guitarrista deles era de lá e eles foram fazer um passeio numa praia de lá. Pegaram uma Kombi e foram toda vida. Passaram para uma outra praia e a maré subiu. Não tinha como voltar, porque eles haviam ido pela areia da praia. Ficaram presos, tiveram que dormir no meio do mato.

George Israel - Perdidos na Praia!

Bruno Fortunato - Eles eram super legais.

Paula Toller - Eu me lembro que eles foram tocar no Morro da Urca e que o show só começou às quatro da manhã. Existiam estas coisas, que eu acho que eram daquele momento. Não tinham muito esta coisa de querer levar a coisa profissionalmente.

George Israel - Eu acho que nesta época as bandas não chegaram a se influenciar, umas às outras. Todo mundo pintou junto, cada um na sua praia. Sei lá, eu ouvia Blitz e me lembro que tinha sido a primeira que eu ouvira na rádio, desta galera. Eu fiquei amarrado, achei a música genial e tal. Mas, quando a gente foi fazer música, a gente fez uma coisa casual. Não era uma coisa de um se influenciar pelo outro. No começo, eu acho que as bandas brasileiras se influenciaram muito com as coisas que estavam de fora.

International Magazine - O que vocês ouviam?

George Israel - Ah, de tudo. Mas o que a gente ouvia em comum era Fleetwood Mac, Pretenders, Police... Essas bandas new wave, às quais a gente estava ligado naquele momento. Não que a gente não ouvisse outras coisas. Eu, por exemplo, era amarrado em Beatles e até em música progressiva e música brasileira. Naquele momento, era aquilo que estava rolando, entendeu? De repente, a gente achava engraçado o próprio Paralamas

e outras bandas. Todo mundo tinha essa coisa, todo mundo começa um pouco assim. Mas o engraçado é que você já sacava que não era uma mera cópia, entendeu? Principalmente pelas letras, você já identifica. Tudo bem que o cara estava influenciado por aquilo, mas isso não quer dizer nada. Ele tem um caminho pra rolar.

Paula Toller - Eu acho que naquela época era difícil identificar as suas influências brasileiras... Porque a MPB que estava tocando na época era muito chata, entendeu? Independente do que era, eu achava chato, principalmente o que ia pro rádio. Coisa ainda muito densa com aquele negócio de ditadura e tal. A gente não sabia onde estavam as influências do Brasil. Depois aos poucos a gente foi encontrando esta coisa do rádio... com Tim Maia, Jorge Ben e Mutantes, que já eram cópia. Já eram recicladas de coisas estrangeiras misturadas com coisas brasileiras.

International Magazine - Mas com as coisas antigas destes artistas!

George Israel - Exatamente. É engraçado que a vontade primeira era a de se influenciar por coisas de fora. Por exemplo, eu me lembro que eu adorava o Ben Jor. As pessoas não estavam ligadas naquilo.

Paula Toller - Era uma coisa pré-histórica! Naquela época, Tim Maia era pré-histórico!

George Israel - É, mas... Mal ou bem, era o que a gente tinha. O que é que eu tocava no violão? Jorge Ben e Tim Maia. Mas, na hora de tocar com a banda, a gente estava mais ligado no movimento inglês, sabe? Era aquela coisa de disco importado.

International Magazine - Naquela época tínhamos Eduardo Dusek, Oswaldo Montenegro...

George Israel - O Dusek até que foi um cara que eu me lembro que no começo tocava com o João Penca. Eu me lembro que foi uma das primeiras bandas que rolaram no Rio. O João Penca era antigão e eu me lembro que uma das primeiras coisas que eu vi na televisão foi o Dusek com o João Penca. Tava começando a rolar esta coisa mais de rock, voltando à coisa de banda.

Paula Toller - O próprio Dusek, com aquele lance do Nostradamus, já foi um negócio. Lembra desses festivais? Eram chatérrimos! Só música chata! (...) Nada contra, tenho o maior respeito por todo mundo que trabalha e taí, mas aquilo pra gente era um saco. Não tinha nada a ver, né?

Bruno Fortunato - Depois do lançamento do disco com Grand' Hotel, o Serginho fez umas participações no show da gente. A gente tocou no Canecão e no Arpoador. Foi uma coisa do caralho. Eu me lembro que eu e o George fizemos uma lista das músicas mais tocáveis dos Mutantes. A gente até pensou em fazer um show em homenagem a eles, convidando um monte de músicos e gente de várias outras bandas pra fazer a coisa num lugar pequeno. Mas furou.

International Magazine - Quando?

Bruno Fortunato - Na época do "Tudo é Permitido". Este projeto não foi muito adiante, a gente só tirou e cifrou as músicas. O Serginho é que foi tocar com a gente.

George Israel - É, ele foi ver o show em que a gente tocava o Fuga. Aí ele até me ligou e tal. A gente começou a chamá-lo para fazer alguma coisa, a gente chegou a fazer uns shows com ele...

Paula Toller - Um belo dia ele estava ensinando pra gente! (risos) "Não, não é assim!". A gente estava acostumado com aquele negócio de errar e tudo bem. Ele já é da geração em que tinha que fazer direito. Eu lembro: "Pára, calma!" (risos) Mas na boa.

George Israel - A primeira vez em que a gente tocou com ele, a gente não acreditou, né? Pra gente, além dele ser um Mutante, ele era um ser assim... Ele era um ET pra gente, em termos musicais. Um puta músico! É como o Bruno falou: "É como tocar com George Harrison!". Sacou? Não em termos de qualidade técnica, mas em termos do que ele representa. Ele foi o guitarrista da maior banda que rolou e ele foi lá e fez uns três ou quatro shows com a gente. Depois, a gente compôs junto. Este tipo de coisa também é bacana em música. Você acaba trabalhando junto com pessoas que você praticamente idolatrava. Até o próprio Lulu, né?

Paula Toller - Até o próprio Paul, né? (risos)

George Israel - É, o Paul! (risos)

International Magazine - Qualquer hora dessas ele está aí.

Paula Toller - O George tem uma estória engraçada e que precisa ser contada.

International Magazine - Eu já sei dessa história!

Paula Toller - Ah, é? A estória do Paul? (risos). Aquela de que ele convidou a filha do Paul McCartney para ir a um show? Puta que o pariu!

George Israel - Eu não sabia que ele estava lá! Eu estava em Tóquio e estava piradão com os horários. Acordava às cinco da manhã, não conseguia mais dormir e ia pra piscina do hotel. Ficava nadando lá, de bobeira. Um dia encontrei a filha dele lá, mas não sabia. Eu tinha lido no jornal que ia rolar um show do Phil Collins, mas não sabia nada que ia ter show do Paul. Eu a convidei para ir ao show do Phil Collins! Engraçado, o jornal não falava nada de McCartney. Eu não tinha a mínima ideia. Quando eu saí, encontrei ele no vestiário, só ele com o filho. Comecei a conversar, já que ele vinha para o Brasil um mês depois. Ficamos batendo o maior papo, eu peguei o disco do Kid e dei pra ele. Fizemos sauna juntos. Eu adorava o disco dele na época, que era o "Flowers In The Dirt". Tocava com o Elvis Costello, de quem sou fã.

International Magazine - Foi desconcertante?

George Israel - Eu só fiquei desconcertado depois. Eu achei engraçado. No tempo em que eu fiquei conversando com ele, saquei que ele era totalmente normal - até um pouco careta, em termos de ser pai de família. Eu estava como meu pai e ele disse: "That's nice!". Tipo assim: "Gerações viajando juntas!". O cara era todo paizão de família mas pelo show dele você saca que ele curte tocar. Você sabe que ele nunca parou de tocar...

Paula Toller - Peraí, você não terminou a estória! (risos)

George Israel - Que estória?

Paula Toller - A da filha!

George Israel - Eu não vou contar o resto! (risos) Depois, ele nos convidou para ir ao backstage de seu show e tal. Eu até conheci a Linda. Ela estava preocupada com a comida macrobiótica no Brasil. (risos) Foi legal, conheci toda a banda. Foi um barato, principalmente por ter visto o show em Tóquio. Foi uma coisa meio fora do tempo... porque lá todo mundo vai a show de terno. Muita gente de terno no show do Paul McCartney, parecia que estávamos em 1965. O show do Paul era meio estranho, anacrônico. Poderia ser em qualquer época: "Do you remember the sixties?". Ele tem uma postura de show igualzinha à que ele tinha, não mudou a maneira de se comunicar.

International Magazine - Ele é um coroa, né?

George Israel - Tudo bem. Mas e o Mick Jagger? Você vê o show dos caras e você não estranha a maneira deles se apresentarem. Parecia que eu estava num túnel do tempo, não pelo som - que era perfeito - mas pela postura e pelo jeito de tocar e de falar com a plateia.

Bruno Fortunato - A gente teve uma história original com o Sting, ainda que não tão legal quanto essa do George. (risos) Na época do lançamento do "Bring On The Night", ele fez um show em Paris na época do Natal. Depois do show, a gente conseguiu umas credenciais para ir ao camarim. Tinha uma mesa com muita comida, champagne etc.

Paula Toller - Era véspera de Natal, o cenário era todo de pinheiros.

Bruno Fortunato - E a gente conheceu uma groupie, uma tiete dele que estava enturmada com os músicos...

George Israel - É, ela era namorada do batera... (risos)

Bruno Fortunato - O George foi falar com ele: "Pô cara, você precisa ir ao Brasil! Vai lá que o pessoal é amarradão! Vocês tocaram num lugar muito ruim!". Ele ficou bem na dele, bem inglesão. Ela liberou super nas internas que ia rolar uma festa de fim de ano da gravadora num auditório. Ela nos convidou, dizendo que ia rolar um som. A gente foi pra festa e, chegando no salão, tinha umas seis ou sete mesas e um palco. Tinha uma mesa vazia ao lado do palco e a gente saiu correndo para ocupá-la. "A gente se deu bem". O pessoal do Metrô também estava lá, junto com o Leo Jaime. De repente, chega a mulher e diz: "Cara, eu não acredito que vocês vieram parar aqui! Putz, vou ser obrigada a expulsar vocês! Vocês sabem onde é que vocês estão sentados? O cara está esperando ali!". (risos) O Sting estava esperando, em pé. A gente já tinha banda, já estava com banda e tal, mas continua com este espírito de fã.

Paula Toller - Eu não estava! Não me comprometa! (risos)

George Israel - Até hoje! Mesmo hoje! Eu fui fazer este disco dos Mutantes, com o Gil e com o Ney, sabe? Apesar do fato de você também estar no meio, de ter seu disco e de fazer as coisas, não quebra esta magia e eu acho isso muito legal.

International Magazine - Vocês estavam falando do Sérgio Dias e a gente acabou viajando no assunto.

Paula Toller - Pois é, também tem este lado. Apesar de você continuar sendo um admirador, você pode trabalhar com estas pessoas... E isso vai reafirmando a sua vontade de fazer aquilo. É aquilo mesmo que você gosta de fazer. Você vai descobrindo que você quer aquilo, que você gosta de fazer aquilo e que é por isso que você está nesta profissão. Isso é legal. Você recebe elogios dos outros. Até um elogio que você receba de uma pessoa que você tinha como ídolo é legal. A própria Rita, quando a gente encontra, ela fica falando. O Roberto (de Carvalho), que é um cara que gosta mais de sair pra tocar - ele já tocou com a gente -, ele é um cara que ouve todos os discos mesmo e tece elogios. Ele conhece as músicas, eu me lembro que a Rita ficava falando que queria roubar o Bruno. Lembra disso? Não sei qual o disco que a gente fez que o Roberto tocou. Foi Garotos, no "Educação Sentimental", no qual ele tocou o piano. Eles ouviram o disco inteiro, quando foram ao estúdio. Eu me lembro que ela falou: "Hum, este guitarrista! Eu vou roubar!". (risos)

International Magazine - O curioso é que vocês fizeram estes shows com o Sérgio e tem seguida saiu o "Meio Desligado". Eu acredito que muita gente tenha procurado uma versão de Ando Meio desligado.

George Israel - A gente tocava esta música no show, mas acabou que ficou meio redundante, depois.

International Magazine - Mas o título do disco induz...

Paula Toller - O título foi esse pra não ser "Unplugged".

International Magazine - Foi uma sacada maravilhosa, mas ao mesmo tempo remetida.

George Israel - Não podia ser "Unplugged" e não podia ser "Acústico", daí ter rolado esta ideia. O Sérgio tocou neste disco, depois de ter composto Deus com a gente para o disco anterior. Só que ele estava viajando na época da gravação e eu já tinha

pensado em chamá-lo para tocar cítara naquela música, né? Aí ele veio, tocou no "Meio Desligado" e foi muito legal.

Paula Toller - Foi bem legal este lance de fazer com o Lulu e de cantar junto.

George Israel - Durante um tempão a gente criou um distanciamento. Tipo o Lulu, um cara que a gente adora cantando, que produziu o nosso primeiro compacto e com o qual a gente sempre teve uma certa proximidade. "Será que a gente chama o cara?". E aí, cheio de dedos, a gente ligou pra ele: "Pô Lulu, será que... a gente tá pensando...". Ele falou: "O que é? Tou a fim de tocar também!". A gente tava gravando e duas horas depois ele chegou, amarradão. E aí a gente sacou que todo mundo tem isso, né?

Paula Toller - Basta um chegar e dizer: "Vamos!". (risos) É porque às vezes você acha que o cara não gosta do seu som.

International Magazine - A gente sempre teme pelo "não". Um "não" é sempre um "não".

George Israel - É como pedir em namoro: "Você quer namorar comigo?".

Paula Toller - A gente foi indo neste lance de cantar e chamar. São pessoas que fazem muito bem o que elas fazem, né? Neste disco, a gente já resolveu compor com os outros! (risos)

George Israel - É, no "Meio Desligado" tem também o Ritchie.

Bruno Fortunato - O lance legal do "Meio Desligado" é que ele deu uma atualizada nas músicas antigas: Alice, Como Eu Quero... A gente ainda tinha aquela primeira versão do "Seu Espião" e, neste contexto acústico, você as toca com muito mais naturalidade. Ao vivo, a gente as toca de forma acústica.

International Magazine - Vocês encaram o "Meio Desligado" como um disco de carreira ou como um projeto especial?

Paula Toller - Vou te responder que nem a gente falou com aquele americano: são as duas coisas! (risos)

George Israel - Era um disco de final de contrato, a princípio. Depois, a gente começou a caprichar e a se envolver tanto e a curtir o que estava acontecendo, que o disco cresceu.

Paula Toller - É, porque a princípio não era para ser um disco acústico. Era pra ter sido um disco ao vivo, né?

George Israel - E aí que acabou a gente querendo fazer o show, que não era a intenção. Nossa ideia era a de não trabalhar muito este disco, só lançá-lo e fazer só o que tivesse que fazer e logo...

International Magazine - Por quê?

George Israel - Porque depois deste a gente já teria este outro disco, que já seria por um novo contrato. Seria um disco de músicas inéditas e a gente não gosta de ficar tanto tempo sem uma música rolando. Só que a gente começou a se envolver e relaxou um pouco com relação a isso, montando o show e fazendo aquela coisa super prazerosa. A gente nunca tinha feito uma temporada de seis semanas no Rio, entendeu? A gente tocou e todos os amigos vieram assistir.

Paula Toller - E foi num lugar pequeno, onde estávamos próximos das pessoas. Era diferente daquele clima de concerto.

George Israel - Foi muito gostoso e foi um disco com o qual a gente não tinha muitas pretensões. Mas que acabou resultando super bem, muito embora não tenha tido nenhuma música de trabalho. Mas pô, o disco foi super-bem e hoje, passado um ano, as pessoas o conhecem. Muita gente curte e fala que ouve e curte, botando pra tocar direto. É um disco que ficou super coerente. Com músicas inéditas, é muito mais difícil fazer um disco tão coerente em termos de sonoridade, eu acho. Este disco foi praticamente de intérprete, com a banda interpretando. A gente não compôs nada para o disco, né?

International Magazine - Mas é em função desta ideia que eu perguntei se é um disco de carreira ou se é um projeto especial.

Paula Toller - As duas coisas, né? Porque havia uma coisa nova no trabalho da gente e também era um disco de sucessos e de músicas já conhecidas.

International Magazine - E o "Iê Iê Iê"?

Paula Toller - Este rolou antes.

International Magazine - Então este novo álbum de vocês é o primeiro do novo contrato?

Bruno Fortunato - No "Iê Iê Iê", a gente teve um trabalho muito organizado, de a gravadora lançar disco e clip junto e no tempo certo. Assim, a gente sente que Eu Tive Um Sonho e Deus têm muita força nos shows.

International Magazine - Eu tive um sonho também foi de novela, né?

George Israel - Foi de uma mini série, "Sex Appeal".

Paula Toller - Mas esta música tocou muito em rádio. Na verdade, a gente não fez uma turnê organizada. Por isso é que a gente está querendo fazer isso agora, porque no "Meio Desligado" a coisa ficou um tanto inviável... pelo custo do show e pelo tipo de lugar que ele exigia. Era um show que tinha dez convidados, fora os metais... e pra fazer em lugar pequeno. No Rio, dava pra fazer... mas fora, nem pensar. Não tinha apoio, só com patrocínio.

International Magazine - O último disco saiu em 94. Falem um pouquinho sobre o ano passado.

George Israel - Foi basicamente a gente se preparando para este novo disco... e dando uma estendida no "Meio Desligado". Acabou que ele voltou um pouco, né? A gente tocou no Rio e continuou fazendo e fazendo. A gente ficou um pouco meio que prolongando a coisa. A gente não esperava que a coisa fosse render e ficou empolgado com a ideia. A gente até ficou a fim de continuar, de fazer outras cidades e tal, mas aí...

Paula Toller - A gente só fez Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio.

International Magazine - Vocês já estavam com contrato novo para este disco?

Paula Toller - A gente também estava nesta negociação. Sai, não sai, muda, não muda.

International Magazine - Tava rolando outras gravadoras?

Paula Toller - Tava... A gente quase saiu, praticamente. Teve uma hora que a gente tinha certeza de que estava saindo... pra Sony. Depois, as coisas se modificaram completamente.

George Israel - Este show e o disco foram bem, tivemos a festa do disco de ouro. Pô, todo mundo comemorou e deu um gás pro pessoal da gravadora...

Paula Toller - As críticas foram boas...

George Israel - Foi um momento de relaxamento, já que estava aquela coisa mais tensa. O lance dos Britos rolou pouco, foi mais uma brincadeira. Foi mais de curtição, o que foi de mais pesado no ano passado foi o disco dos Mutantes. Até foi um dos motivos pelo qual o disco do Kid teve que emburacar, já que estendeu um pouco... Engraçado, o Kid estava compondo e ensaiando meio devagar... mas aí a gente gravou a música dos Mutantes para o projeto e todo mundo ficou fissurado pra entrar em estúdio. A música ficou legal e bateu aquela saudade. Emburacamos o projeto dos Mutantes e depois pegamos direto neste novo disco. A gente pegou todo o equipamento e o levou para Teresópolis.

Paula Toller - Ficamos morando em comunidade, "nos conhecendo melhor!".
(risos)

George Israel - Foi aquele sonho. Gravamos em 24 canais, algumas até em 32 canais. A gente não levou nem técnico. O Kadu que é o batera e foi quem produziu, fez a engenharia. Éramos só nós da banda, direto, sem ninguém mais. Eu tenho casa lá em Teresópolis, inclusive no mesmo condomínio em que o Frejat. Foi lá que a gente começou a tocar junto, lá tem uma história super forte de relação com a música. Não era um estúdio, era uma casa mesmo. Agora estou tentando fazê-la voltar a ser uma casa, depois desta bagunça. Fizemos tudo lá, até as fotos.

International Magazine - Foi bom porque vocês trabalhavam na hora em que queriam. Não tinha horário de estúdio.

George Israel - Da hora em que acordava até a hora de dormir, né? Não tinha hora pra acabar.

Bruno Fortunato - Na verdade, como a gente sentiu que estava com um prazo muito apertado para gravar o disco...

International Magazine - Ah, então vocês tinham prazo?

Bruno Fortunato - Tinha. Porque a gente queria lançá-lo logo... Para poder trabalhá-lo durante o ano, né? Então a gente acordava e já ia gravar, não teve essa coisa de dar um mergulho na piscina. Mesmo assim, o lugar contribuiu muito... Porque aqui no Rio a gente não teria conseguido fazer isso. Porque aqui você pega trânsito para ir pro estúdio, um atrasa e o outro tem que pagar uma conta de qualquer maneira naquele dia...

George Israel - ... Ou consertar o carro, né? Teve momentos em que rolou mesmo uma magia, apesar de todo este lado de ralação. Teve umas horas que a gente se deu de uma maneira que normalmente a gente não tem. Sabe, esta intimidade de acordar, tomar café e almoçar junto...

Paula Toller - ... E de saber qual a cor da escova de dentes do outro! (risos)

George Israel - Então, mesmo sem a gente ter esta intenção de morar junto, acabou rolando uma coisa diferente.

Bruno Fortunato - Você vai dormir com um silêncio absoluto e acorda com uns passarinhos.

International Magazine - As músicas já estavam prontas ou vocês compuseram lá?

Paula Toller - Só fomos lá para gravar.

George Israel - Teve duas músicas que foram refeitas por lá, mas a maioria...

Paula Toller - ... Já estava composta. A gente basicamente passou o ano de 95 fazendo show e compondo as músicas.

Bruno Fortunato - A gente chegou a fazer uma demo, inclusive muito bem feita. No disco entraram algumas coisas da demo...

International Magazine - Foi esse o projeto que vocês quase levaram para a Sony?

Bruno Fortunato - Não, não, isso foi no final de 94. Esta definição de gravadora rolou no outro verão.

International Magazine - Mas a quase ida para a Sony foi em cima de um projeto hipotético? Ou vocês tinham alguma coisa em mente?

George Israel - Não, não, era só uma coisa de término normal de contrato. Negociaríamos o próximo...

Bruno Fortunato - O contrato anterior da gente aqui na WEA era muito, muito enrolado. Tinha mil adendos e ninguém entendia nada. A gente não sabia o que a gente podia e o que a gente não podia. Este disco acústico foi enrolado de fazer, eu me lembro do George ligando pra gravadora e os caras sem saber o que podiam liberar e o que não podiam. A gente fez o disco meio à força.

George Israel - A gente fez e acabou que - já que a gente tinha o equipamento - a gente resolveu encarar, gravando o disco na estrada.

International Magazine - E agora, mudou muita coisa em vocês?

George Israel - Não foi muito intencional!

International Magazine - Estou sentindo falta de um sax! (risos)

George Israel - Porra! Eu acho que a gente não pode se prender a esse papo de arranjo. Em outros discos, já rolou este papo de sax... Como se o sax fosse...

International Magazine - Uma das marcas registradas da banda?

George Israel - Ele é uma das marcas registradas da banda, mas você não pode também...

International Magazine - Eu não estou cobrando, estou apenas comentando.

George Israel - Tudo bem, rolou esta preocupação durante o disco. Eu também componho, toco violão - nos discos eu não toco guitarra, porque o Bruno é quem a toca. A gente compõe, faz arranjo, produz, troca ideias... Mas aí o que acontece é que o sax é a última coisa em que vou pensar. No final, eu não tinha nada.

Paula Toller - Já estava num stress tão grande... Tanto cansaço, tanto desgaste. Pô, agora ele ainda tinha que ter ideia para o sax? A gente já estava virando noite,

principalmente na mixagem. No final, a gente pegou uns horários noturnos e eu virei uma vampira. Teve um dia que eu saí de casa às três e meia da manhã e voltei às oito. Destruí completamente a minha fama no prédio! (risos) Eu estava saindo de casa por volta da uma da manhã pra ir de carro lá pra Barra. Virou uma coisa louca de ter que estar presente. A mixagem começou a rolar antes de terminar a gravação. Então, a gente vinha ao Rio nos finais de semana e voltava para Teresópolis na segunda-feira. Foi um negócio super rápido mas foi legal. Várias vezes a gente se reuniu e perguntou: "Vem cá, a gente vai atrasar este disco?". "Não, não vai! Agora que a gente decidiu, vai ter que fazer!". Daí você se obriga. Se você não assinar contrato, você não faz disco, né? Você vai sempre se obrigando. É como fazer ginástica em casa. Eu não faço, portanto tenho que pagar pra fazer na pressão! (risos)

Bruno Fortunato - Chega uma hora em que rola o limite da criatividade e a gente não consegue ter ideias legais pra resolver uma música. Eu senti isso com os solos de guitarra, eu também reclamava com ele que não tinha muitos solos. Mas eu já estava tão cansado, tão saturado de trabalho, que eu não tinha muita vontade nem estava à vontade para batalhar e curtir o meu solo. A gente teve a preocupação de resolver bem cada música e de fazer o máximo por cada música. A gente ralou muito pra cada música ficar bem legal, pra gente não deixar passar alguma besteirinha. A gente valorizou muito as canções, os arranjos e a maneira de gravar.

George Israel - É bom este negócio de você ter uma data para terminar o disco, porque senão o disco não acaba. Primeiro porque, quando você começa a ficar muito tempo no estúdio, você tem aquela famosa percepção - aquela paranoia de que você vai ter que refazer alguma coisa, porque aquilo não está tão bom. "Será que tá bom, cara?" Você se expõe demais à autocrítica. Teve uma hora em que a gente disse: "O negócio é o seguinte: se for pra fazer o disco assim tão perfeito, a gente não vai acabar nunca; vai ficar a vida inteira fazendo o disco, entendeu?" Eu acho que tem uma coisa do momento, que é legal no disco. O disco tem defeito, todo disco tem defeitos pra quem fez. De repente, pra quem tá ouvindo, acha maravilhoso e não percebe nada disso. Pra quem tá fazendo...

Paula Toller - ... Pode ser sempre aperfeiçoado.

George Israel - O que cada um acha é engraçado. A música tem esse negócio engraçado que é a subjetividade.

Paula Toller - É, mas eu acho que tem que deixar pra fazer isso no show. Aí você melhora as músicas. Por mais que você não tenha tanto recurso, hoje em dia você pode

fazer quase tudo e ali no palco você ainda vai melhorar, a dinâmica das músicas vai melhorar...

George Israel - ... E elas vão ter mais sax! (risos)

International Magazine - E a ideia de fazer o cover?

Paula Toller - Nós já vínhamos tocando a música no meio de um show, no final da temporada do "Meio Desligado". A gente tava tocando meio parecido com o arranjo original, só de chinfra mesmo.

International Magazine - Mas e a ideia de lançá-la como música de trabalho? Foi de vocês ou da gravadora?

George Israel - Não, isso aí foi de consenso. Também, a música entrou para a trilha da novela e é uma que todo mundo já gostava, achando forte e tal. Mas essa galera, a gente já gosta bastante do Hyldon, do Cassiano e do Tim Maia. A gente já tinha gravado algumas coisas do Tim, até algumas coisas que não eram dele mas que eram do repertório. E o Hyldon e o Cassiano, a gente sempre curtiu. Quando a gente pega o violão, toca... E, de repente, teve esse negócio de relaxar um pouco... Porque a gente sempre teve uma restrição quanto a fazer cover. A gente não conseguia relaxar. Tinha uma época em que a gente falava em tocar alguma outra música de alguém. Cada um vinha com umas três ou quatro músicas, mas - pô - a gente pensava tanto que esta acabou rolando de repente.

Paula Toller - E aquela sorte que dá de você gostar de cara de um negócio e de todo mundo gostar e de todo mundo topa. Eu acho que a gente tem esse negócio de ter muito cuidado com tudo que a gente faz, musicalmente, porque eu acho que acaba sendo uma característica do som. E essa foi aquela coisa, né? Tocamos no mesmo dia; ensaiamos de tarde, tocamos de noite e já passamos a tocar todos os dias, na última semana que teve o show. E aí, na hora de fazer o disco, é lógico que a gente ia gravar essa música. Pô, vamos fazer outra coisa, diferente...

George Israel - O engraçado é que, no tributo aos Mutantes - a gente conhece os Mutantes legal, a gente já tocou várias músicas no show -, quando a gente foi escolher a música pra gravar, a gente não conseguiu definir. Acabou sendo uma música totalmente inusitada, porque a gente poderia ter escolhido a primeira música. Isso também tem um

pouco da química de se fazer uma coisa especial, não só de tocar a música que fica legal na voz dela.

Paula Toller - Eu, atualmente, quando a gente vai fazer uma música, seja só pra tocar num show ou pra gravar, eu nem escuto o original. Algumas eu conheço, como esta, mas aquela dos Mutantes eu não conhecia. Não ouvi pra ficar diferente mesmo. E uma vantagem de você não tocar, eu acho que é legal para dar uma cara diferente. Neste disco, a gente experimentou muita coisa... De compor com outras pessoas, de experimentar tons específicos e mais graves - combinando com a música e também com a letra. Foi bem por aí, tentando fazer uma coisa que fechasse com a música.

International Magazine - E os festivais? Vocês gostam de participar?

Paula Toller - E uma faca de dois gumes... Porque é legal, sem dúvida, por vários motivos. Ao mesmo tempo, é uma pressão que tem várias coisas negativas. Competição...

International Magazine - Quem vai tocar primeiro...

Paula Toller - Não só disso, deste problema de ter que abrir para uma banda que de repente é pior que a sua ou mais desconhecida que a sua, pelo menos no Brasil, só porque ela banda disco no mundo inteiro. Além disso, tem problema de som e luz, que a gente teve muito na época do "Rock In Rio". O pessoal dizia que a culpa era nossa, que a gente é que era ruim e bem feito. No segundo "Rock In Rio" e nos "Hollywood Rock" seguintes, foi ficando óbvio que a coisa não era bem assim. Até, hoje em dia, algumas mudancinhas de tentar botar cada um no seu lugar, em termos até de posição, embora tenha coisas que não dá pra aceitar.

George Israel - Foi até bacana isso que rolou neste "Hollywood Rock". Pelo menos os caras reconheceram e trocaram, botando o Cidade Negra depois.

International Magazine - Foi o caso da Rita Lee em 95.

Paula Toller - Quem é Spin Doctors? Tudo bem que eles estivessem abrindo para os Stones no mundo todo, mas aqui... Pô!

George Israel - Até o Barão, é muito mais conhecido, tem muito mais público e é muito mais legal que o Spin Doctors. Eu acho... E todo mundo que estava ali também achou, entendeu? (risos) Eles podiam abrir, mas que viessem antes do Barão e da Rita.

Paula Toller - Só porque é gringo é bom? Tem muita porcaria vindo aí, da mesma maneira que os filmes. Você vê estas coisas...

Bruno Fortunato - Tem que pensar também se naquele ano o público vai curtir ver o teu show, entendeu? Se naquele ano você se expôs em muitos shows no Rio, será apenas mais um e é claro que a banda de fora terá muito mais apelo.

Paula Toller - É muito chata esta competição.

International Magazine - Vocês fogem desse tipo de convite?

Paula Toller - Uma vez houve um convite e falaram que a gente ia abrir um show do... Não me lembro, era uma coisa que tinha mulher cantando. Tipo Spin Doctors, eu falei: "Pô, que estranho!"

George Israel - Eu acho que estes festivais são muito legais pro Brasil. Na boa, eu vou a todos, mesmo se um dia não tá tão legal. Primeiro, porque eu acho que bota o Brasil no circuito musical. Segundo, porque o pessoal daqui gosta de música. Estou falando em termos de festival em si, em que você pode chegar e falar: "Pô bicho, fui num show do Cidade e ele empolgou mais!". Legal, sabe? As pessoas não estão mais nessa de que "se é de fora, é mais legal". Sabe, existe público para estes artistas brasileiros.

Paula Toller - Eu estava falando sobre a competição entre os próprios artistas brasileiros. Eu acho isso um pouco chato, porque você está ali num show que tem cinco e você vai querer ser melhor que os outros. Então fica essa coisa... Mas o festival é bom, porque promove toda a indústria da música.

International Magazine - Mas não é a imprensa que cria a competição?

Paula Toller - É claro, nego dá nota... Pra quem foi melhor.

Bruno Fortunato - Eu vi uma entrevista do Pete Townshend há pouco tempo, falando que estava preocupadíssimo com o Jimi Hendrix, pois eles iam tocar na mesma noite. Eu acho que isso é uma coisa que rola mesmo, não é uma característica nossa!

International Magazine - Mas isso pode ser saudável, não?

Bruno Fortunato - Pode ser, pode ser.

Paula Toller - É que nem prêmio. É bacana, você se expõe e tem um retorno legal. Toda a indústria tem uma exposição bacana, se fala daquilo e se discute sobre se foi justo ou não. Agora, daí você acreditar que se você ganhou o prêmio você é o melhor, eu acho que tem um pouco disso. Você vê muito disso em teatro e em cinema. Quem é a melhor atriz do Brasil? Você acredita que existe a melhor atriz do Brasil?

International Magazine - Não, definitivamente.

Paula Toller - Pois é, mas tem essas coisas que parecem ser necessárias.

International Magazine - Nós só temos um rei.

Paula Toller - Temos dois, né? Um da música e o outro do futebol.

International Magazine - Se for por aí, temos também o Rei do Bacalhau... (risos)

George Israel - ... Que é muito mais gostoso! (mais risos).

Por: Marcelo Fróes & Marcos Petrillo
(publicada no *International Magazine* nº 25, maio de 1996)
Cedido por André Felipe